

Sofrimento e o viver criativo

Sérgio de Gouvêa Franco

e-mail: sgfranco@fecap.br

Pós-doutor em Psicologia Clínica pela PUC/SP, Doutor em Filosofia da Educação pela UNICAMP, Mestre em Engenharia pelo Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares/ USP, graduado em Engenheiro Civil pela Escola de Engenharia Mauá e licenciado em Filosofia pelas Faculdades Associadas do Ipiranga. Psicanalista com formação no Instituto Sedes Sapientiae, membro do Departamento de Psicanálise deste Instituto. Professor titular de psicologia da Universidade Paulista e Reitor da FECAP - Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado. Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental

Resumo: Trata-se de artigo sobre a criatividade humana, não tanto do ponto de vista da produção artística, produção de objetos, idéias ou procedimentos inéditos, mas lida com a criatividade frente à própria condição de estar e se sentir vivo. A própria vida é tomada como uma obra de arte. A criatividade é entendida como um recurso frente à fragilidade existencial. Estuda a solução criadora frente à crise inicial da vida – no nascimento e primeiros momentos – que se torna modelo para pensar as demais crises da vida. A investigação de autores psicanalíticos – Freud e Winnicott – é feita dentro do marco da própria vida.

Palavras-chave: Sofrimento, criatividade, Freud, Winnicott

Abstract: *This paper deals with human creativity. Creativity, in this context, is not seen as an artistic output, material production or brand new ideas, but it is understood as the feeling to be and to feel alive. According to this view, one's own life is realized as a masterpiece. Creativity, in this perspective, is a means to deal with human fragility. It studies the solution one has taken to solve life's early crisis since birth and the early years. The solution becomes the model one takes to solve other crisis during lifetime. Psychoanalytical authors' investigation – Freud and Winnicott – is done during one's own lifetime.*

Key-words: *Suffering, creativity, Freud, Winnicott*

Somos seres da dor e do sofrimento psíquico; podemos dizer que somos seres páticos se quisermos enfatizar a origem grega do conceito. Do grego *pathos* (*paqos*) vem o português paixão, vem patético e patológico também. O derivado *pathetos* (*paqhtos*) quer dizer “aquele que tem capacidade de sofrer”. Humanos, somos aqueles que temos capacidade de sofrer: sofremos a vida. A vida chega como uma experiência que põe a sofrer. Ela desloca, instiga, insinua-se de um modo que afeta. Afetados, apaixonados, sofrentes. A consciência atrasada nos mostra que outra vez estamos descentrados. Resta reencontrar o equilíbrio. Um equilíbrio que só pode ser pensado dinâmico e nunca estático². Que alguém possa se desestabilizar e cair no chão, não restam dúvidas. O que chamamos de uma vida equilibrada não é outra coisa que uma série enorme de ataques pequenos ou grandes à estabilidade, que foram mais ou menos neutralizados. Uma existência sem ofensas à estabilidade, serena e que sem esforço possa ser assim mantida é uma construção apenas imaginária. Os ataques se repetem: vêm de dentro do aparelho psíquico – o jeito que Freud chamava a parte intangível do ser humano; vêm de fora: da natureza e das vivências em sociedade.

A palavra *falha* se usa em geologia, quando a rocha se abre e se aprofunda, quando o terreno firme vai de um lado para o outro, abrindo uma fenda. A falha é feita de planos de clivagem que se afasta, é o abismo, o sem fundo, a profundidade. Pode-se dizer que o humano estaria colocado na falha em uma condição delicada, sem apoio, em desamparo. Há uma falha primordial. Essa experiência na falha produz náuseas, mal estar de quem ficou lançado no ar e que clama por amparo³. É por isso que se diz que há uma psicopatologia fundamental⁴ que aponta para uma condição de fragilidade e dependência constitutivas. Trata-se de uma situação

de sofrimento que não é um acidente, mas o modo mesmo como a vida é vivida. É a descoberta da natureza mesma *pática* da experiência psíquica.

Freud pensava que essa condição psicopatológica fundamental – marca do humano⁵, poderia ser em grande medida explicada pela neotínea: nascemos aparentemente antes do tempo. Somos prematuros, nascemos com pouca massa psíquica. Devemos essa predisposição originária às crises psíquicas ao fato de nascemos antes de estarmos prontos. E o que se vai dizer é que nunca ficamos prontos. Mas Freud, pensador arguto e profundo, não era totalmente negativo acerca dessa matéria. A neotínea – pensava ele - cria cultura e o aparelho psíquico. Nascer prematuramente permite ao humano um desenho intelectual, social e cultural sem paralelo no mundo animal. Mas não se deve esquecer que, embutido nesse ganho, há um preço a pagar: uma infância que não passa. A infância se prolonga, a fragilidade originária se mantém, as feridas psíquicas ficam do começo ao fim da vida. O nascimento coloca o humano em uma situação de falta. Desajustes múltiplos, riscos mortais em resposta a ser posto na falha e na falta desde o nascimento a cultura é criada.

Consciente dessa condição de se nascer despreparado, Winnicott chamava atenção ao ambiente, primordialmente oferecido pela mãe, onde a criança nasce. O prematuro precisa de um ordenamento do entorno para sua sobrevivência psíquica (e de outras naturezas). É um entorno suficientemente bom, maternal e materialmente que funda um sentimento de permanência, de segurança e de continuidade do ser no bebê. A crise do nascimento reclama pela noção de cuidado. Se não há uma simbiose mãe-filho, o bebê não pode sobreviver à crise do nascimento. Cada crise posterior, que desvela a psicopatologia fundamental, exige a

instauração de um marco novo que permita o restabelecimento de um equivalente à simbiose primitiva. Um marco, é bom lembrar, sempre provisório e precário.

Destinado à crise e também à superação criativa da crise o bebê dispõe das palavras e das coisas que basicamente o ambiente lhe oferece para enfrentá-la. A criação de um espaço, que Winnicott chamava de transicional, pela dupla mãe-bebê⁶, é absolutamente necessário para que possa se estabelecer e se manter a confiança na própria continuidade, na capacidade de estabelecer nexos entre si mesmo e o mundo, na faculdade de julgar, simbolizar, pensar e criar. Cada crise posterior na vida demanda um novo marco criativo que nunca desfaz a condição psicopatológica fundamental, mas que permite a continuidade da existência. São os recursos que minimizam o sofrimento, que aplacam a dor, que permitem uma vida minimamente coerente e feliz. Trata-se da insistência criativa de viver em uma situação hostil.

Exatamente sobre isso versa este trabalho: sobre a criatividade frente à psicopatologia fundamental. Estuda-se aqui a solução criadora frente à crise inicial da vida, que se torna modelo para pensar as demais crises da vida. A investigação de autores psicanalíticos – Freud e Winnicott, é feita dentro do marco da própria vida.

Viver de Modo Criativo

A noção de criatividade que Donald Winnicott⁷ introduz distingue criatividade nas artes e criatividade na vida. O índice⁸ da vida criativa é a experiência de sentir que a vida vale a pena. A vida que parece aborrecida ou totalmente infeliz é a vida na qual o elemento criativo não se estabelece.

Winnicott vai assentar a noção de criatividade na noção de existência. Criativo é aquele que desfruta da experiência de estar vivo. Pode não estar consciente do fato, mas sua vida se assenta sobre a noção e valor da existência. Descartes também usou a noção de existência como fundamento do seu pensamento racional. A fim de combater o ceticismo que achara seu apogeu no século XVI em Montaigne, Descartes põe em dúvida a dúvida, fundando o pensamento na existência: *cogito ergo sum*⁹. Para Winnicott a existência não é tanto o fundamento da certeza. Para Winnicott, a existência é a base para a ação. A ação criativa é a que nasce da própria noção de existir. Por tanto, aquele que pratica o fazer criativo existe: crio logo existo, logo sou, logo estou vivo e desfruto da existência como algo benigno. A criatividade é uma vitória contra a vida sem valor. A ação nasce da noção de existir, do cerne do ser.

Há vidas apenas reativas. Retire os estímulos dessas pessoas e sua ação desaparecerá. Seu núcleo existencial tem pouco efeito, pouco capacidade criativa. São pessoas de tal forma determinadas desde fora, que a interpretação behaviorista pode bem explicá-las. São um modelo perfeito de ação e reação. A clássica distinção explicar versus compreender o comportamento humano fica superada¹⁰: são humanos sem criatividade. Suas ações parecem poder ser explicadas pelos estímulos de fora; ações compulsivas, de onde a liberdade se afastou. Não tem uma ação que nasça do centro da vida.

Winnicott não pensa de modo voluntarista: não se trata de tomar uma decisão sobre o assunto. O que está em pauta é a natureza das primeiras experiências que capacitam (ou não) o

desfrute de estar vivo, que desemboca em atos criativos e que afastam uma vida apenas reativa. A criatividade tem a ver com uma capacidade que aparece na primeira infância e que pode ser mantida a vida toda. Que capacidade é essa? A capacidade de criar o mundo onde se vive. O bebê – tendo as condições razoavelmente boas, cria o mundo a seu redor e nem se dá conta de que esse mundo já estava lá antes de tê-lo criado.

O princípio da realidade de Freud tem a ver com a capacidade que se forma lentamente no bebê de ir percebendo e aceitando que o mundo que ele criou estava lá antes dele tê-lo criado ou mesmo antes dele ter sido concebido. Essa capacidade só é possível se a experiência anterior com a ilusão e com a onipotência foi vivamente vivida. O princípio da realidade que é uma afronta ao narcisismo do bebê só pode ser aceito graças às experiências felizes do período da ilusão.

Uma forma não criativa de lidar com a realidade é a submissão; trata-se da aceitação submissa da realidade. Freud descreveu muito bem o que ele considerava uma vida normal: a vida normal é aquela que associa a aceitação da realidade da neurose e a intenção transformadora da psicose. Em seu artigo *A Perda da Realidade na Neurose e Psicose*¹¹ de 1924, define saúde como uma combinação das respostas da neurose e psicose frente à realidade:

*Chamamos um comportamento de “normal” ou “sadio” se ele combina certas características de ambas as reações: repudia-se a realidade tão pouco quanto uma neurose, mas se depois se esforça, como faz uma psicose, por efetuar uma alteração desta realidade. Naturalmente, esse comportamento conveniente e normal conduz à realidade do trabalho no mundo externo; ele não se detém como na psicose, em efetuar mudanças internas.*¹²

Fiquemos atentos para onde aponta Freud quando quer pensar a saúde psíquica, ou seja, quando quer pensar o melhor da possibilidade humana. Ele aponta para o ato criativo que transforma o mundo. O melhor é, ao mesmo tempo, aceitar e rejeitar a realidade, acolher e transformar a realidade. Se desejarmos ser precisos, deveremos: acolher para transformar a realidade.

Freud trabalha contra uma fuga da realidade como na psicose. Mas trabalha também contra uma fuga para realidade em uma neurose que se recusa a retribuir todo e qualquer impulso erótico¹³. Ele não quer reduzir seus pacientes a simples vassalos da realidade, Sanchos Panças (de Cervantes) que perdem toda transcendência, que se emburrecem e se empobrecem crendo que o que é deve ser. Tampouco ensina o caminho de Dom Quixote que em sua briga com o real alucina inimigos em moinhos de vento. Não recomenda como modelo a criança que se mantém delirante, onipotente, que desprezando a realidade opera apenas uma pseudocriatividade.

A criatividade vai com o trabalho, com o trabalho de transformação da realidade anteriormente aceita. Em jogo, um trabalho com paralelismos em outros trabalhos da mente humana, bem destacados por Freud: o trabalho do sonho, do luto e o trabalho

clínico da elaboração. São trabalhos que aceitam transformam a realidade e transformam o aparelho psíquico que transforma e é transformado pela realidade. Em Freud, a criatividade tem a ver com trabalho, com imaginação e trabalho.

A criatividade que se forma nos primeiros estágios da vida tem a ver com a capacidade de se lançar um olhar próprio sobre tudo que ai está. No dicionário, criar quer dizer: “dar existência a”¹⁴, a criatividade aqui contemplada tem a ver com a capacidade de a tudo olhar com se fosse a primeira vez. Trata-se de uma percepção da realidade que traz um toque pessoal, um jeito próprio, criativo de ver a realidade: ou seja, um modo de viver que cria o mundo exatamente onde ele está, mas com um toque pessoal e próprio.

Essa é a criatividade em consideração: a capacidade de ação de quem está vivo e desfruta desse fato. A criatividade é vista como um atributo do existente que desfruta da sua própria vida. O que Winnicott está dizendo é que o ser precede o fazer, mudando a máxima existencialista¹⁵. Caso contrário o que se tem é uma ação mecânica, heteronômica, legalista, moralista, doutrinária, em última instância falsa. Ou o ser se desenvolve antes do fazer, ou o que resulta é uma artificialidade que se manifesta na ação clichê e responsiva. Quando há este desenvolvimento ser-fazer aparece a ação autêntica, a ação criativa: uma ação que cria um mundo que já existia com as marcas daquele que o criou.

Essa impregnação do mundo com algo pessoal tem a ver com a capacidade imaginativa. Se a imaginação foi embora, a criatividade também. Essa impregnação da realidade só pode ocorrer com a preservação de algo secreto em cada um. É este algo próprio, secreto e pessoal de cada um que é a verdadeira fonte da criatividade.

O viver criativo nasce da sensação de estarmos vivos e de sermos a nós mesmos e ao mesmo tempo fortalece essa noção. Trata-se de um estado de espírito que é o negativo do espírito depressivo esquizóide. Ao invés de tudo parecer sem graça e sem força quando se olha, prevalece o sentimento de que a vida parece valer a pena ser vivida. O viver criativo não demanda nenhum talento especial como a criação nas artes. O viver criativo (ou a falta dele) tem a ver com a noção da presença (ou falta) daquilo que mais nos caracteriza como humanos: a impregnação da realidade com nosso toque pessoal.

Muitos relacionamentos amorosos podem definhar porque a vida criativa de um ou de ambos fica impedida pelo outro. O mesmo pode ser verdade para a vida do trabalho. O tédio resulta dessa negação ou diminuição da criatividade. Frequentemente, aparece um conflito, um choque, entre o impulso pessoal e os compromissos estabelecidos para a manutenção da confiança. A questão seria então: como manter a criatividade e a confiança juntas? Ou colocando de outra maneira, como aceitar a realidade sem a perda do impulso pessoal? Quanto mais feliz foi a infância de um bebê, maior será sua capacidade para encontrar uma solução positiva para esse conflito fundamental do ser humano.

A imaginação ocupa um lugar fundamental na resolução desse enigma, na vida sexual e na vida criativa em geral. É necessário realçar o valor da projeção, da introjeção e o lugar da identificação. O que está em jogo é a capacidade de alucinar aquilo que esta bem à frente. Criar o que já existe. Trata-se de uma capacidade que aparece na vida adulta e que tem origem na infância: a capacidade

de encontrar na realidade o que se está criando. A experiência feliz com a mãe permite ao bebê manter a onipotência infantil pelo tempo necessário para desfrutar da ilusão de sua força. A desilusão não traumática só é possível a base daquela experiência. Esta é a base da capacidade de criar o que já existe.

Quando a criança não tem a suficiente experiência com a onipotência terá que exacerbar a onipotência na vida adulta, a criatividade artificialmente estabelecida e o controle. Só a doce experiência com a onipotência sustentada pela mãe é a base para que ser forme a capacidade para ir abandonando a onipotência e para a aceitação desse lugar de um entre outros no mundo dos humanos.

A vida fútil é a vida onde essa capacidade criativa não pode ser recuperada na vida adulta. Não se trata tanto do que se faz, mas se o que se está fazendo carrega ou não um toque original. A pessoa criativa pode fazer criativamente qualquer coisa. A marca da criatividade é a sensação de que há algo novo e inesperado no ar. O contrário é a vida entediante e finalmente sem sentido. A criatividade tem a ver com a concepção de algo que já existe, com aquilo que Winnicott chama de apercepção, a percepção criativa. O viver criativo relaciona-se com viver uma vida própria em na qual o princípio da realidade não é sentido como totalmente castrador. O casamento só pode seguir criativo se for possível manter todo tipo de projeção e introjeção de parte a parte em todos os campos da vida de relacionamento entre ambos, inclusive no campo sexual. A vida criativa tem a ver com a capacidade de se surpreender e de ver o novo onde estava o conhecido. Claro que o viver criativo é um conceito que não necessariamente está representado pela idéia de se dar bem na vida, mas com a idéia de que a vida vale a pena. Em Freud, a criatividade está relacionada com trabalho, com imaginação e trabalho – dissemos há pouco. Em Winnicott a imaginação é ainda mais valorizada. Heitor O’Dwyer de Macedo coloca em boas palavras:

Freud definirá a normalidade como um equilíbrio sutil entre neurose e psicose, Winnicott concebe a saúde psíquica na proximidade da loucura. (É verdade que ele era um grande admirador de Shakespeare.) Em Winnicott, a aliança entre um amoralismo radical e uma tolerância redefine a concepção da paixão e da psicopatologia. Esta última, na linha rigorosamente freudiana, é uma fonte inestimável de compressão do ser humano, fonte na qual se enraíza toda a criatividade.¹⁶

Conclusão

Por fim, podemos dizer que a condição em que nasce o ser humano é uma condição de crise porque faltam a ele recursos diante das ameaças da vida. Mediante um trabalho criativo, sustentado pela mãe, o bebê cria esses recursos de sobrevivência e é por eles criado. A superação dessa crise primeira torna-se base e modelo para a superação criativa de tantas outras crises da existência. A ausência dessa solução inicial deixa o humano lançado em sua fragilidade, em condição indefesa que se manifesta em várias psicopatologias. Compreender essas coisas ajuda no processo de criar um espaço favorável para que os elementos criativos fundamentais que não se estabeleceram na infância possam ser tardiamente formados.

Referências Bibliográficas

- ANZIEU, D. **El Cuerpo de la Obra – Ensayos Psicoanalíticos sobre el Trabajo Creador**. Madrid: Siglo Veintiuno, 1993.
- BERLINCK, M. T. **Psicopatologia Fundamental**. São Paulo: Escuta, 2000.
- COELHO, N. E. Jr. **A Força da Realidade na Clínica Freudiana**. São Paulo: Escuta, 1995.
- DESCARTES, R. **Discurso sobre o Método**. Trad. M. Pugliesi e N. P. Lima. São Paulo: Hemus, 1978.
- FEDIDA, P. **Clínica Psicanalítica – Estudos**. Trad. C. Berliner et all. São Paulo: Escuta, 1988.
- FERREIA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 2 ed., 1986.
- FRANCO, S. G. A Realidade na Neurose, Perversão e Psicose – Uma Leitura de Freud. **Pulsional Revista de Psicanálise**, ano XII, número 121, maio 1999. São Paulo, Pulsional, 1999.
- FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. Comentários e Notas de J. Strachey. Colaboração de A. Freud. Edição Brasileira dirigida por J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- JULIA, D. **Dictionnaire de la Philosophie**. Paris: Larousse, 1964.
- KIERKEGAARD, S. **Diário de um Sedutor, Temor e Tremor e O Desespero Humano**. Trad. C. Grifo. Coleção os Pensadores. São Paulo: Abril, 1979.
- MACEDO, H. O. Entrevista concedida a M. E. Costa Pereira. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo: Escuta, vol IV, n. 4, p. 138-147, dezembro de 2001.
- MARCONDES, D. **Iniciação à História da Filosofia. Dos Pré-Socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 5 ed., 2000.
- OUTEIRAL, J. O. e Grana, R. B. **Donald W. Winnicott – Estudos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- RICOEUR, P. Explanation and Understanding: On Some Remarkable Connections Among the Theory of the Text, Theory of Action, and Theory of History. Reagan, C. e Stewart, D., eds. **The Philosophy of Paul Ricoeur. Anthology of his Work**. Boston: Beacon, 1978, p. 149-166.
- TAYLOR, W. C. **Dicionário do Grego. Vocabulário Grego-Português**. São Paulo: Juerp, 5ed, 1978.
- WINNICOTT, D. W. **O Brincar & a Realidade**. Trad. J. O. A. Abreu e V. Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. **O Ambiente e os Processos de Maturação. Estudos sobre a Teoria do Desenvolvimento Emocional**. Trad. I. C. S. Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- _____. **Natureza Humana**. Trad. D. L. Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. **Tudo Começa em Casa**. Tradução P. Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **A Família e o Desenvolvimento Individual**. Trad. M. B. Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2001.